

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOLOGIA  
NÚCLEO DO RIO DE JANEIRO

*PUBLICAÇÃO N.º 1*

---

0

**XX CONGRESSO BRASILEIRO  
DE  
GEOLOGIA**



**RIO DE JANEIRO  
1966**

## IDADE DO DISTRITO ALCALINO DE JACUPIRANGA

GILBERTO AMARAL  
(Depto. de Geol. Paleont. - FFCLUSP)

São apresentados os resultados de 25 análises, pelo método Potássio/Argônio, de rochas e concentrados minerais do Distrito Alcalino de Jacupiranga, estudado recentemente por MELCHER (1954, 1965).

A finalidade da pesquisa foi tentar estabelecer uma idade para a intrusão, bem como estudar o comportamento de vários concentrados minerais de uma mesma rocha. Para este último propósito Jacupiranga apresenta rochas ideais, algumas das quais apresentam até cinco minerais suspeitáveis de serem datados pelo método K/A. De 43 análises feitas selecionamos como adequadas as 25 acima mencionadas. As idades obtidas com piroxênios foram rejeitadas devido ao teor extremamente baixo em Potássio que eles apresentam, causando uma imprecisão muito grande na determinação daquele elemento. Foram rejeitadas também idades de rochas e feldspatos que apresentavam evidências de sericitização.

Os resultados das análises, colocados em um histograma, formam duas modas bem caracterizadas, uma mais antiga, com 7 idades, entre 143-158 m.a., e outra mais recente, com 18 idades, entre 124-135 m.a.

De 11 micas datadas (biotita e flogopita) sómente duas caem no grupo mais antigo. Quanto aos feldspatos, o problema é mais complexo, pois os métodos de concentração não conseguem separar feldspatos alcalinos de plagioclásios e de nefelina. Em amostras mais favoráveis, conseguimos concentrados mais ricos em um ou outro mineral. A interpretação dos resultados com base no estudo dos concentrados, mostra que:

- 1 — A nefelina tende a fornecer idades mais baixas, aproximando-se do grupo mais recente;
- 2 — O feldspato alcalino tende a fornecer idades mais antigas, aproximando-se do grupo mais antigo;
- 3 — O plagioclásio parece acompanhar a nefelina.

As análises em rocha total dão em geral idades mistas em relação às idades de seus concentrados.

O autor acredita que existiram duas fases de intrusão no Distrito de Jacupiranga, uma mais antiga entre 143-158 m.a.

e outra mais moderna, entre 124-135 m.a. Algumas rochas da fase mais antiga foram provavelmente afetadas pelas intrusões mais novas, causando as diferenças de idades em minerais de uma mesma rocha.

---

## OS MEGÁSPOROS DO FURO SN5, DE JOSÉ DE FREITAS, CARBONÍFERO DO PIAUÍ

NICÉA MAGGESSI TRINDADE

(DGM/DNPM - Rio de Janeiro)

FRIEDRICH W. SOMMER

(DGM/DNPM - Rio de Janeiro)

Por sugestão do Prof. Kegel, há algum tempo, já, os autores dêste estudo haviam realizado, em trabalho de rotina, no laboratório da D.G.M., o levantamento palinológico de série de testemunho de sondagem, procedente do furo SN5, de José de Freitas, Estado do Piauí.

Constatou-se interessante constelação de microfósseis vegetais, a saber palinocênios de mega e micrósporos, fragmentos de madeira e cutículas. Guardou-se o resultado obtido, para ser publicado em ocasião oportuna.

A co-autora do presente estudo relatou, no Simpósio da Biota Amazônica, em Belém do Pará, realizado em princípio de junho dêste ano, o resultado preliminar do estudo sobre megásporos carboníferos da Bacia Amazônica. Trata-se da análise de material de duas localidades, uma do rio Manoel Alves Grande, próximo à barra do rio Sereno, Estado do Maranhão, e outra de Cinzeiro, localidade E, rio Araguaia, Estado do Pará. No trabalho citado, Trindade se refere ao estudo que ora apresentamos, utilizando-o como término de comparação; por isso, justifica-se, agora, sua divulgação mais detalhada.

Os megásporos como é óbvio representam apenas uma faceta da determinada palinofácies. Contudo, ajudam na reconstituição de flórula do passado, como é o caso no tema em foco.

Filiamos os megásporos encontrados nos seguintes gêneros de «sporae dispersae»: **Lagenoisporites**, **Setosisporites**, **Trileites**, e **Duosporites**.

Os três primeiros são gêneros boreais, também encontrados na paleoflora austral; **Duosporites** é gênero gondwânico, ainda não assinalado na paleoflora boreal, quanto é do nosso conhecimento.